

## ZUENIR VENTURA

## Os tribunais e as ruas

Faz parte do jogo democrático. Depois das manifestações de protesto de domingo, vamos assistir às de apoio amanhã, e assim ninguém poderá dizer que ir para a rua é golpismo. Vai ser divertido assistir à disputa para saber qual das duas contou com maior número de participantes, qual a que foi mais representativa, a que venceu politicamente. Entre uma e outra, o clima esquentou. O ex-presidente Fernando Henrique, que vinha agindo de acordo com seu estilo conciliador, subiu o tom e sugeriu

que Dilma assumisse seus erros ou renunciasse. Foi a sua inesperada versão para o radical "fora Dilma" da passeata. Os líderes do PT na Câmara e no Senado reagiram com virulência: um perguntou se o ex-presidente estava "gritando" bem; o outro classificou a declaração de "pequenez política". Pode-se prever o ambiente belicoso desse resto de semana.

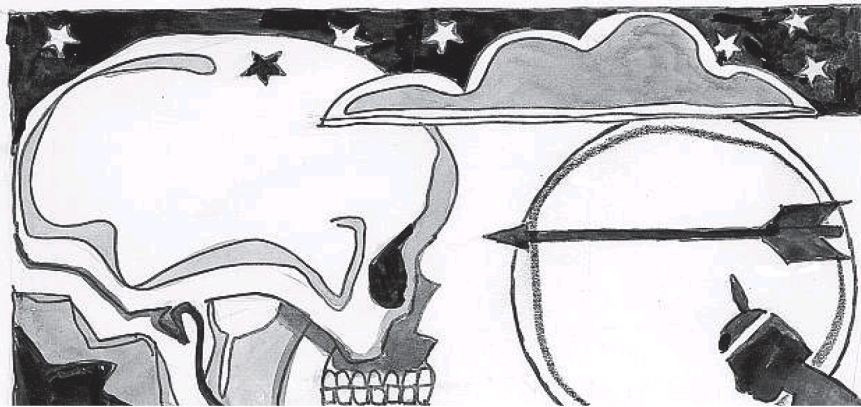
Na segunda-feira passada, o governo Dilma foi tratado como um corpo enfermo que saíra da UTI e apenas recuperara uma frágil sobrevivência, um pequeno alívio, um pouco de fôlego. Mas os políticos não se saíram tão bem no espetáculo. Mesmo rompido com Dilma, Eduardo Cunha foi rejeitado, segundo o Datafolha, por 43% dos participantes, enquanto Renan Calheiros, cada vez mais próximo do governo, e o vice Michel Temer, ficaram com 79% e 68% respectivamente. Os cartazes e palavras de ordem atacaram Dilma, o PT e

Lula, representado por um inédito boneco inflável vestido de presidenciário.

Figuras opositoristas presentes, como Aécio Neves, José Serra, Aloysio Nunes e Ronaldo Caiado, se não foram hostilizados, também não foram exaltados. A favor só um personagem não político, ainda que politicamente dos mais importantes: o juiz Sérgio Moro. Isso talvez tenha motivado FHC a balançar a pasmaceira da oposição com seu prestígio, atraindo para si o protagonismo dos debates.

**Por mais expressivas que venham a ser as manifestações pró-governo amanhã, não são elas que vão decidir a sorte da presidente nessa altura**

Ao convocar para o ato de amanhã, o governo está usando um discurso otimista: o momento é difícil, mas é preciso desvalorizar o pessimismo e a intolerância, é possível reverter o quadro atual e, como subtexto, a mensagem de que há salvação para Dilma. No entanto, por mais expressivas que venham a ser essas manifestações, não são elas que vão decidir a sorte da presidente nessa altura, e sim o Tribunal de Contas da União, julgando suas contas; o Tribunal Superior Eleitoral, aceitando ou não o pedido de cassação da chapa Dilma-Temer; a Operação Lava-Jato, que é, como se dizia antigamente do futebol, uma caixa de surpresas, e o Congresso, que pode vir a ter a última palavra sobre o impeachment. Merecíamos destino melhor do que torcer por Renan Calheiros ou por Eduardo Cunha. ●



ROBERTO DAMATTA

## Flechadas e crises

Quando eu vivi, de agosto a novembro de 1961, entre os índios gaviões no Rio Praia Alta, no Pará, nos meus plenos e apaixonados 25 anos, testemunhei um apocalipse. Antes de este grupo tribal ter uma relação estável com a sociedade brasileira local — façanha realizada por frei Gil Gomes, um notável frade dominicano a partir dos anos 50 —, os "cabocos" eram caçados e tinham seus fígados comidos por cachorros. Claro que contratacavam. Deles eu ouvi que flechadas eram balas; e arcos, espingardas.

No meu diário de campo do dia 20 de outubro de 1961, registrei:

"Escrevo abaixo de um ótimo sol. Como ovos de jacaré com farinha. Aprorrenum dorme com um enorme tersol na minha rede. A maioria está no mato, e Melatti (meu companheiro de pesquisa, hoje dono de uma impecável obra antropológica) tenta colher genealogias.

Aktokte e Superclio trazem um jacaré de tamanho regular, cuja carne, surpreendentemente branca, é apreciada pela fome. Zario e sua esposa Pembkui apanham babaca na tilha para Iupitanga. Krepouire, Puhire e Pahitote apanham mandioca e inhames na roça, enquanto Doidão faz um cesto.

As 11h40m, os gaviões reiteraram que matavam 'crístãos' ('kupen') e nesse clima cordial almoçamos um prato de arroz.

As 14h, sou convidado por Doidão para apanhar a mandioca no rio que secou. Com isso, o Praia Alta ficou inutilizado para banho e fonte de água potável. Descubro, entretanto, que os gaviões possuem uma "aldeia grande" que, numa grande crise, partiu-se. Muitos foram flechados, dois ou três mortos.

## Para lavar a alma da pátria

LUIS TURIBA

Lava lava Lava-Jato também lava devagar. Lava-se a quem denuncia e a quem te premiará. Lava-se a cara de pau cuja cara mal lavada lava recursos escusos em transações ultrajadas. Lava-se um banco na Suíça com milhões de pixulecos. Lava-se tudo que é torto nessa pátria mal-amada por quadrilhas quase assépticas. Lava-se grátis na farsa, à força e com auxílio dos comparsas. Lava o chulo chupa-cabra, lava o dólar na cueca, lava o pó no helicóptero do piloto e seu lanarjã. Lava-se a grana suja e toska que voa como azul-mosca rumo à propina sagrada.

Lava Lava Lava-Jato como se lava a privada. Lavam-se a ratoeira, o gato, o ex-ministro, o ex-líder o ex-ex e o próprio rabo do rato. Lava-se a grana imunda que vem de um buraco sem fundo de uma estatal usurpada. Lavam-se o volume morto, o vômito da República e a lágrima da desgraça. Lava-se a empreiteira esperta que há anos é bem levada por dentadas e empreitadas

Após um banho de cacimba no qual fiquei mais sujo do que limpo, testemunhei a chegada do líder e Capitão Baledo acompanhado de sua mulher Piariditi e do menino Iupitaji.

De maio a agosto, estávamos numa aldeia com 21 gaviões que mal falavam português. Havia mais antropólogos que índios...

Não é acidente que o meu diário seja marcado por referências a morte, extinção, doença, choro, espírito, enterno e saudade. Havia um desalento que tentei traduzir no meu primeiro livro "Índios e castanheiros", escrito com Roque La-raia, publicado em 1967 pela Difusão Europeia do Livro, numa coleção dirigida por Fernando Henrique Cardoso e prefiada pelo nosso professor Roberto Cardoso de Oliveira. Nele apresentamos um retrato do abjeto destino que cabe a centenas de grupos tribais diante da chamada "civilização brasileira".

Darcy Ribeiro, no seu importante ensaio "Culturas e línguas indígenas do Brasil" (1957), estima que os gaviões tivessem uma população entre 1.500 a 2.000 indivíduos. Eu testemunhei e documentei os efeitos desse processo de hecatombe populacional em 1961, investigando a organização social de três dezenas de seres angustiados pelo fim de sua humanidade.

Foi o seu impoluto líder, o Capitão Baledo (Krokrenum), no entanto, quem me deu as primeiras aulas sobre o que, neste Brasil poluído de crise ética e moral, chamamos de "política".

Com ele aprendi que, numa crise, um líder deve ser forte, honesto, coerente. Ele deve falar com altivez e coerência e desdenhar de bens materiais. Sua liderança é dada pelo exemplo, pois, não

tendo governo, ele não tem partidos, ministros, polícia, puxa-sacos, testas de ferro, lanarjões ou exército. O "poder" entre os "selvagens" e "primitivos" gaviões implicava não em ter o controle do uso da força, mas em harmonizar e aplacar eventos (e pessoas) desafiadores dos costumes. O Capitão ia de Papa a rei, de mediador esperto a psicanalista e cronista de jornal. Dar mais do que receber era a sua divisa. O Capitão era "pobre" — o justo oposto do que constitui a nossa concepção de "política" que aristocratiza e enriquece.

A crise da "aldeia grande" foi delagada pela disputa entre líderes intransigentes. Diante de um ódio mútuo incontrolado, dividiram-se, formando duas aldeias. Um espaço territorial livre e a ausência de um "judiciário" fizeram com que a disputa adquirisse um cunho pessoal e intransferível. Sem um estado proprietário de uma "terra" como é o nosso caso, essas soluções "para fora" (formando por cisão uma outra aldeia) eram possíveis. Quando ali estive em 1961, a aldeia esperava um ataque da outra facção. Só quem não percebia isso eram os idiotas cujo objetivo era estudar modos de vida — os patetas que queriam ser antropólogos.

Tal cisão permaneceu e hoje, entendo, os gaviões estão juntos e territorialmente ancorados. Mas, naquele momento, a política era controlada por um grande capitão. Não havia roubo nem propina, pois flechas não são moedas, mas instrumentos de morte.

PS: Qualquer semelhança com a boa, costureira, velha, e "civilizada" roubalheira que forma o piso da chamada "crise brasileira" é mera coincidência. ●

Roberto DaMatta é antropólogo

## Estatística e cidadania

WASMÁLIA BIVAR E PEDRO LUIS DO NASCIMENTO SILVA

Cerca de 1.500 especialistas de mais de cem países reuniram-se em julho, no Rio, para o 60º Congresso Mundial do Instituto Internacional de Estatística (ISI 2015), o mais importante evento internacional da área, realizado desde 1885.

Sediado pela segunda vez no Brasil (a primeira havia sido em 1955) e tendo o IBGE por anfitrião, o congresso do ISI, como é sua tradição, buscou aproximar o debate acadêmico da realidade de governos, empresas e sociedade. Entre os 1.200 trabalhos científicos apresentados foram discutidos temas que nortearão a atividade estatística do terceiro milênio — e cujos resultados terão importantes desdobramentos para os cidadãos de todo o mundo —, além das questões mais teóricas ligadas ao desenvolvimento de métodos para produção e análise de informações.

Como serão os Censos do futuro? De que forma deve ser encarada a proteção da confidencialidade dos dados de pessoas físicas e jurídicas na era do Big Data? Que abordagens estatísticas podem ser usadas para medir a governança? O que mudou nos padrões da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para estudos sobre desemprego? Em que direção evoluem as pesquisas sobre defici-

**Indicadores permanecem ancorados na realidade do homem comum**

ência física em adultos e crianças? Quais os desafios éticos enfrentados na produção e disseminação das estatísticas públicas? Como produzir melhores estatísticas para pequenos grupos populacionais? Qual a forma mais confiável de se monitorar as mudanças climáticas globais? Esses foram apenas alguns dos debates travados.

A questão ambiental foi destaque em várias sessões. Uma delas, em especial, discutiu como tornar realidade a mensuração das metas e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que deverão orientar as políticas nacionais e as atividades de cooperação internacional nos próximos 15 anos, sucedendo os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Isso será essencial para avaliar o progresso (ou a falta dele) no cumprimento de metas estabelecidas.

O ISI 2015 contribuiu ainda para reforçar e desenvolver o Sistema Estatístico Nacional, coordenado pelo IBGE, apresentando-o a uma audiência especializada e competente, para revisão crítica e sugestões de aprimoramento.

O evento reafirmou o contínuo esforço da comunidade estatística internacional para aprimorar metodologias e estabelecer referências teóricas e operacionais. Assim, os indicadores econômicos, demográficos, sociais e ambientais que nortearão as estratégias governamentais e da iniciativa privada, em nível mundial — como o PIB, a taxa de desemprego, os índices de mortalidade infantil e de inflação — permanecem ancorados na realidade do "homem comum", dando-lhe condições de interpretar o sentido das políticas públicas e até de criticá-las e transformá-las.

Com 130 anos de existência e em meio a tantas inovações, o ISI manteve sua mais importante tradição: as estatísticas continuam tendo papel fundamental no exercício da cidadania e no fortalecimento das democracias. ●

Wasmália Bivar é presidente do IBGE e Pedro Luis do Nascimento Silva é presidente do International Statistical Institute (ISI)

de doloiros e bicheiros, verdadeiros feiteiros a serviço de empresários que arrancam nosso dinheiro como tetas de vaca profana que se passa por sagrada. Lavam-se políticos-candidatos que facilitam a levada, tudo em nome da decência e de igrejas partidárias.

**Lava-se a grana imunda que vem de um buraco sem fundo de uma estatal usurpada. Lavam-se o volume morto, o vômito da República e a lágrima da desgraça**

Lavam-se um Porsche potente e uma Ferrari encarnada de mais um milhão casado. Lavam-se até a oficina de onde saiu um Lamborghini de um senador de bravatas. Lavam-se os pratos da mesa e o lado sinistro da lua. Lavam-se a Casa da Dinda, a casa das coisas cinzas e as quatro paredes do quarto. Lavam-se o bigode cascudo e a careca bem plantada com bênçãos da santa FAB.

Lava-se o crime de gravata que ronda os campos da Fifa e o Palácio do Planalto. Lavam-se a mandioca citada, o cara-pintado, a bala que sai perdida cuja a sina é assassina da favela ao asfalto. Lava-se até o petróleo que um dia soujou as mãos tão vazias de ações fé e gestos. Lava-se a merda do mercado dos sonhos delirantes, da ganância beligerante, do "é dando que se recebe".

Lavam-se o mundano, o evangélico, o prefeito e o delegado, o traficante-deputado, governador meliante e a *pensée sauvage* com toda sua entourage. Lavam-se o rola-fácil cuja al-cunha está na mala, e também o branco cheque no nome de vossa chefe. Lava-se até em obras de arte. Lavam-se Picasso, Miró, Kandinsky, Volpi e Portinari. Nessa lavada que leva o mundo em redemunho, a Justiça de olho aberto lava os reis do Congresso. Lava então, seu juiz, lava a jato esta página que a nação assim te aguarda. Eleve-se. A História lava. Quem sabe dessa lavada surge cá uma nova pátria. ●

Luis Turiba é poeta

